

CAROLINA & SOPHIA
MUNHÓZ ABRAHÃO



O REINO
DAS VOZES
QUE NÃO SE CALAM

*“A única forma de chegar ao impossível
é acreditar que é possível.”*

— LEWIS CARROLL

PRÓLOGO

Sentia o corpo dormente, o que para ela era bom. Os dedos, sempre tensos, movimentavam-se devagar por conta da sonolência.

Boiava em um lago violeta, os cabelos ruivos esparramados na superfície formavam uma imagem assustadora, e o vestido escuro encharcado e colado quase a sufocava. Movia-se conforme o vento e ondas circundavam seu corpo suspenso. A vontade de se mexer era nula. A água invadia as narinas e a boca, engasgando-a. Mas ela não se arrependeu. Quando se deu conta de que engolira tudo aquilo, já sabia das consequências daquela aventura.

Entretanto, estava livre.

Notava a calmaria invadindo sua alma quase congelada pelo lago de cor exótica que a envolvia. Era como um abraço da humanidade, que nunca a compreendera. Seus membros continuavam relaxados e a respiração começava a falhar.

O filósofo tinha razão: todas as coisas estão envenenadas. Não existe nada sem veneno, pensou enquanto o corpo era sugado pelas águas.

Antes de afundar por inteiro, ouviu o som da fênix e lembrou onde estava. Dessa vez, não sabia identificar ao certo o local. Encontrava-se na fronteira entre as dimensões.

O coração começava a parar e ela perdia a consciência. Conforme afundava de olhos abertos, via as criaturas daquele santuário. Pessoas esverdeadas com guelras e caudas longas escamosas conversavam entre si por meio de sons que nunca ouvira. Até nos olhos deles percebia decepção. Julgamentos que a condenavam. Ninguém entenderia sua decisão. Os pais e amigos ignoraram seus diversos apelos. Os seres mágicos também fecharam os olhos e ouvidos para as vontades dela.

Queria viver no Reino. Estar em um lugar onde seria sempre querida. Por isso tomara a decisão drástica. Precisava dormir eternamente. Ansiava por sorrir para os sereianos e dizer que estava tudo bem, que tudo daria certo.

Nos contos de fadas era assim...

Quando quase não enxergava mais a superfície, resolveu fechar os olhos e deixar-se engolir pela escuridão. Nada melhor do que estar sozinha com seus pensamentos.

Despediu-se da Terra com a certeza de que iria para um lugar melhor. Moraria com pássaros gigantes, seres mitológicos e pessoas bondosas capazes de amá-la até o fim.

Segundos depois, seu corpo desfalecido foi retirado da água pelos sereianos assustados e levado para a margem, onde havia uma aglomeração. Sem vida, sua pele clara já começava a perder o brilho.

— Precisamos reanimá-la — afirmou, desesperado, um jovem de baixa estatura, que usava uma cartola diferente das outras.

— Os médicos estão fazendo isso na outra dimensão — retrucou uma garota de cabelos platinados.

A senhora ao seu lado se ajoelhou no gramado e acariciou o rosto magro e sem vida. Tentou, aflita, secar a água gelada dos cabelos avermelhados. Era difícil ser separada da pessoa que mais amava.

— Eles vão trazê-la de volta? — questionou.

Outra senhora, de pele manchada, se aproximou, e os habitantes abriram espaço para ela passar. Mesmo pequena, aparentando carregar o mundo nas costas fragilizadas pela idade, a mulher exalava sabedoria e confiança, duas qualidades bem-vindas naquele momento.

— *Ela está passando pela etapa do Louco. Estava escrito. Precisamos ter fé em nossa princesa. Tudo dará certo.*

Naquele momento, o corpo sem vida da jovem saltava com a brusquidão das descargas elétricas de duzentos joules de um desfibrilador. Os médicos tentavam trazê-la de volta.

Mas o lugar dela não era mais aquele.

Precisava retornar ao Reino das vozes que não se calam.

Necessitava ser feliz.

Tudo era sempre cinzento.

Nunca havia cor nos lugares por onde passava, mesmo que existisse algum tipo de êxtase no local. As pessoas comentavam sobre como se sentiam felizes, sobre o brilho presente em tudo e a magia à sua volta. Mas não ela. Nunca ela. Sophie sempre via tudo em um único tom. Pálido, sem graça e triste. O tipo de pigmento ignorado pelas outras pessoas.

Como se já não bastasse a falta de luz, também havia a dificuldade de ouvir as vozes ao redor e de entender por que todos sorriam daquela maneira ao longo do corredor metalizado. No lugar de seres humanos, via criaturas grotescas movendo bocas enormes tão depressa que mal conseguia acompanhar. Tinham olhos capazes de observar os mínimos detalhes de seu ser, e ela sabia o quanto a analisavam. Em alguns segundos, poderiam descrevê-la, entender todo o seu passado. Além disso, apontavam umas para as outras as características que faziam delas uma espécie superior. Atitudes como

essa reviravam seu estômago. Se reclamasse, comentariam mais uma vez que precisava engordar. Ou se produzir mais. Talvez parar de usar a cor do seu mundo: o cinza que a perseguia.

Mesmo não sendo a primeira vez, muito menos a última, tentava imaginar-se em uma vida mais divertida. Mais compreensível. Menos sombria.

Por que não posso ser feliz?

Será que adiantava implorar aos céus? Nem sabia se existia alguém para ouvi-la. Seria capaz de acabar com as criaturas subterráneas que a encaravam com olhar de repúdio? Haveria algo de divino se isso acontecesse? Mais uma vez, perdia-se em pensamentos minimalistas. Na caçada por respostas que não encontraria. Na eterna busca do porquê de existirmos e do lugar de onde viemos. Enfim...

Ela só queria ser ela mesma.

Nem precisava necessariamente ser aceita. Já tinha passado dessa fase. Todo ser excluído sonha em um dia fazer parte de um grupo. Mas ela era a excluída mais incluída da humanidade. Tudo porque, no jardim de infância, emprestara seu giz de cera para uma menina de cabelos escuros sedosos, com as bochechas rosadas e sorriso cativante. Por ironia do destino, essa beldade tornou-se sua melhor amiga e podia ser considerada a rainha da escola – algo que Sophie nunca seria, pois desse cenário ela só participava como fiel escudeira.

Sophie parou de bombardear sua mente e resolveu baixar o olhar daquela floresta sombria para observar seu tênis All Star remendado e pintado com caneta hidrográfica. Gostava das caveiras mexicanas em degradê que havia desenhado nas laterais. Então, um sorriso brotou nos lábios tensos e o cenário pôde, pelo menos, voltar às cores habituais.

Ela continuava enxergando tudo do mesmo jeito. Contudo, não via mais criaturas com cabeças e olhos gigantes, bocas escancaradas salivantes e dedos finos alongados capazes de estrangular facilmente um pescoço. Via apenas os mesmos colegas de classe, o corredor que interligava as salas de aula e a vida chata de sempre.

O sinal tocou anunciando o fim do intervalo. *Por que não posso ser feliz?*



Mais uma tarde chegava. Quem no ensino médio não gosta de aproveitar o tempo livre para ignorar a lição de casa e se jogar no sofá da sala após uma estressante manhã no colégio? Ela adorava. Pelo menos por duas horas aquele era o seu hobby favorito. Chegava do colégio, deixava o material jogado na cama, lavava as mãos e corria para a mesa da cozinha. Com a mesma empolgação com que assistia a uma aula de física, engolia qualquer grude que a mãe preparava e depois se atirava com a roupa suja no convidativo amontoado de almofadas.

Todos os dias recebia lambidas da pequena língua cor-de-rosa de seu buldogue francês, Dior, e ria ao lembrar que o cachorro *realmente* tinha o nome de uma grife. Aquilo refletia tão pouco dela.

– Que tipo de garota não sabe o que é um Dior? – perguntou Anna, sua melhor amiga, certa vez.

– O tipo de garota que é acordada pela amiga no sábado às oito da manhã pra correr na esteira? – Sophie devolveu a pergunta.

– E que sempre fica de preguiça na cama...

– Demonstrando ter bom senso.

– Ou que bom senso é exatamente o que ela precisa aprender a ter.

– Nisso você tem razão. Se ela tivesse bom senso, não andaria com alguém que a acorda às oito da manhã de um sábado, ou que batiza seu cachorro de Dior!

– Batizar um cachorro de Dior *já* mostra a falta de bom senso! Esse é um nome sagrado! Deveriam batizar santos com esse nome!

– Foi você quem batizou o nome do meu cachorro, sua maluca!

– Porque você trata o Dior como um santo, não porque um cachorro mereça esse nome. Isso não é óbvio?

Às vezes, Sophie sentia vontade de quebrar um prato na cabeça da amiga. Mas depois se lembrava de que a amava exatamente por isso.

– Não, não é óbvio! Você ainda é maluca!

– Eu sei, mas eu sou popular, não preciso ter bom senso! Você, ao contrário, deveria agradecer por ter cruzado o meu caminho! No mínimo, um dia, vai aprender a se vestir melhor...

Elas riram. Aquela era a parte boa da vida.

Apesar da graça, a coisa do “se vestir melhor” tinha motivo: Sophie exibia uma magreza fora do comum.

Para ela sempre fora mais fácil falar do negativo, e essa era uma palavra que a descrevia. Barriga negativa. O tipo de corpo perfeito para supermodelos de Milão e odiado por garotas de cidades pequenas. Como arranjar um namorado ou ganhar um mero olhar sendo magra daquele jeito? O curioso era que ela não sabia de onde havia herdado o corpo esbelto e reto. De sua mãe não era. Morria de inveja da “comissão de frente” dela. Sério! Laura despertava o desejo dos pais das amigas da filha. Ruiva com peitões? Quase uma capa garantida de revista masculina. O fato de a família também exibir uma pele alvíssima e sem marcas causava ira nas outras, mas as mães invejavam mais do que as filhas. Além disso, com certeza não tinha puxado

o físico do pai, George. Suas típicas pernas de graveto não poderiam sustentar aquela famosa barriga de chope. Ele sempre fora o rechonchudo do trio. Parecia até uma escala de oito a oitenta. Sophie sem dúvida era o oito. Mas quem olha para um oito? Por isso adotou uma tática que achava infalível. Usava roupas largas. Adotava o estilo grunge. Shorts escuros e soltos, camisas de bandas ou com símbolos sinistros, às vezes, uma camisa de flanela na cintura ou um colete descolado. Nos pés, tênis baixos ou botas de couro. Aquilo lhe adicionava alguns quilos, mostrava um pouco de seu gosto e diminuía os olhares de desaprovação. Ruiva grunge parecia um pouco descolado, então, mesmo não sendo fashionista como as colegas, ao menos não era condenada. De resto, a parte de que se orgulhava – e que também não sabia de onde havia surgido – era a sua voz.

Ela sabia cantar.

Ainda que só para si.

De volta à realidade, retomava o ritual no sofá. Olhava as sombras negras da lamparina esquisita da mãe dançarem no teto bege e se questionava por que alguém pintaria um teto. Paredes, ok. Todo mundo pinta paredes. Agora, teto? Ela só conhecia o dela. Depois, deixava aquele movimento envolvente guiá-la para um estado zen, no qual finalmente se desprendia de sua vidinha mais ou menos e era levada para bem longe, mesmo que por pouco tempo.

– Isso não pode estar acontecendo! – berrou a mãe ao telefone de repente, enquanto transitava pela sala com passos exaltados.

Sophie achou estranho. Aquele era o momento em que a matriarca ficava no quarto assistindo à novela, retocando o esmalte das unhas do pé ou passando as camisas cafonas de seu pai. Algo *realmente* grave devia ter acontecido.

– Você sabe que eu me esforço aqui em casa! – bufou ela. – Eu *também* colaboro! Em que século você pensa que estamos? Você sabe quanto custaria se eu exigisse uma diarista como as outras mulheres? Além de cuidar de tudo por aqui, tenho o clube das mães, e desculpe-me se ele não acontece em um estádio de futebol, mas isso ainda é importante pra mim, sabia?

Sophie tinha certeza de que, do outro lado da linha, o pai espumava de raiva apenas por ouvir isso. Aquele era um hobby antigo levado muito a sério, típico de mãe com muito tempo livre. Quando Sophie tinha cinco anos, Laura se juntou a um grupo de mães do bairro que se ajudavam para melhorar as condições do local para as crianças. A mãe de Anna também participava dele, e a amiga o considerava a etapa que vinha logo antes do futuro bingo da terceira idade. Ao contrário do que costumava acontecer com Sophie, Laura a cada ano conquistava mais espaço e poder na organização. Naquele momento, era presidente e sabia tanto sobre o bairro e como *educar* crianças que as novatas nem cogitavam tirá-la dessa posição.

Deviam vê-la agora, pensou a filha em tom sarcástico.

Amava a mãe. Era louca por ela. Gostava da forma como enrolava a ponta dos cabelos ruivos com os dedos de unhas impecáveis e como enrugava a testa quando franzia os olhos azuis para o pai, brincando. Entretanto, isso não impedia Sophie de recriminá-la quando tomava atitudes bestas. O clube das mães era uma delas, mas a família já havia aprendido que o melhor era tentar ignorar – algo impossível de fazer naquele dia, por causa do constante falatório ao telefone.

Sophie levantou a cabeça apenas um pouco a fim de ver se a mãe ao menos caminhava em direção à porta. Sem indícios. Só conseguiu identificar a mesma expressão franzida, mas dessa vez não parecia ser brincadeira.

– Seu pai quer uma reunião familiar hoje, então me faça o favor de não se trancar no quarto na hora do jantar – advertiu a mãe após finalmente desligar o telefone.

– Tenho mesmo que participar? – resmungou Sophie com voz de sono.

– Eu disse que é de família, não disse? Na última vez que cheguei, você ainda fazia parte desta.

Sophie atirou uma almofada na direção da mãe, que desviou no último segundo.

– Você vai ter que pegar essa almofada! Agora, volte para *Mármia*, vou deixar você em paz.

– O nome é Nárnia, mãe! – retrucou ela, rindo.

– Tanto faz! Tem sorte de eu não chamar o leão de Simba.

Pior que a filha tinha sorte mesmo.

– Você é tão “porforona”.

– E você, senhorita, também é um amor de pessoa – complementou na intimidade que faziam delas mãe e filha.

– Então, eu tive a quem puxar!

Sophie tinha aquela mania. Sempre criava seus próprios termos para as coisas. Assim vivia em seu próprio mundo, ditando as próprias regras. “Porforona” era um deles. Depois a palavra seria esquecida e só Sophie entenderia. Um código secreto só dela.

Assim que a mãe saiu, pôde voltar para o ritual. Em poucos minutos, estaria no mundo dos sonhos.

Depois da soneca, estava guardando os cadernos na mochila quando ouviu a porta de entrada se abrir, produzindo o tradicional rangido. O pai chegara em casa.

– Hora de encarar a realidade, não é, molengo? – perguntou ela, olhando para o cachorro esparramado de barriga para cima no chão do quarto.

Enquanto George se livrava do terno e da gravata, Sophie tomou um banho e vestiu o pijama favorito: uma camiseta preta antiga do pai e uma bermuda de algodão furada de alguns anos. O jantar era peixe ao molho de limão.

– Assaltou o mendigo? – perguntou a mãe ao vê-la entrar.

Sophie mostrou a língua e se acomodou na mesa. Dior era proibido de chegar perto da comida.

– Me compre algo com algumas caveiras, que eu até posso usar.

– Eu comprei um pijama da Monster High – retrucou Laura.

– Ela está mesmo de sacanagem comigo, não é? – perguntou Sophie para o pai.

Entretanto, aquela reunião não era um encontro feliz. Algo havia acontecido.

– Vamos dar nome ao defunto? – começou Sophie, quebrando o silêncio.

A mãe lançou seu típico olhar franzido e a filha percebeu a gravidade da situação. Era realmente com ela.

– Filha...

– Pai...

– Não é fácil falar disso com você.

– Nunca é fácil falar nada comigo.

– É sério, Sophie! – exclamou a mãe esmurrando a mesa.

Choque. Quando ela tomava aquele tipo de atitude era porque o crime daria passagem para a prisão de segurança máxima.

– Eu já vou dizendo que não fiz nada – resmungou a garota.

– Ninguém aqui está dizendo que você fez alguma coisa...

– É *exatamente* isso que vocês estão dizendo, pai.

O clima ficou tenso. O nervosismo de Sophie a fez fechar os punhos e perder o apetite.

– Você ainda não tocou no seu peixe – comentou George de forma sutil.

– Pai, desabafa logo, que eu quero dormir mais cedo.

O casal trocou olhares e Sophie odiou aquilo. Era como um carimbo de exclusão, um atestado de dúvida sobre a maturidade dela para entender problemas mais sérios. O silêncio impregnou o ambiente antes de o pai continuar:

– A diretora ligou. Ela disse que alguns pais andam preocupados com a sua aparência.

Era só o que me faltava, pensou a menina.

– Eles não têm filhos com quem se preocupar?

O pai encolheu os ombros.

– Foi exatamente o que eu disse! – revoltou-se a mãe. – Nós sabemos que sua estrutura física é assim, e ninguém mandou as filhas deles serem umas orcas!

– Sem exageros, Laura! – recriminou George.

O comentário pelo menos melhorou um pouco o ânimo de Sophie.

– Estou encrocada?

– Claro que não! – responderam os dois ao mesmo tempo.

– Então por que *ainda* estamos falando disso?

O pai pegou a mão da filha. Parecia que iam lhe contar que um parente havia morrido. “Preciso lhe dizer, minha filha, que a sua saúde faleceu hoje! Ela foi encontrada pelas mães dos alunos no terreno baldio atrás da escola...”

– Como sua mãe disse, nós conhecemos você – falava o pai quando Sophie voltou a prestar atenção. – Sabemos que não há nada de errado...

– Tirando o fato de me chamarem de “graveto” quando uso uma calça mais apertada...

– Expliquei seus hábitos alimentares para a diretora e disse que estava ofendido por ela entrar em contato conosco para falar algo tão sem fundamento.

– Eles chamam você de “graveto”? – perguntou a mãe aflita, de repente.

– Tem coisas piores. – Sophie riu, o que era melhor do que chorar.

– Por exemplo?

– Ah, sei lá! Mumm-Rá, The Walking Dead, Olívia Palito, E o vento levou, professor Girafales, louva-a-deus, desentupidor de pia, bandeira de pirata...

– Mas que horror! – exclamou a mãe.

– O que quer dizer “bandeira de pirata”? – perguntou George, surpreso.

– Só pano e osso.

Eles voltaram a murmurar. Para Sophie até que era engraçado ver a reação dos dois a algo que ela já havia se acostumado a sentir doer.

– Isso tem nome, sabia? É bullying! E isso agora é crime!

– Ih, mãe, então o colégio inteiro vai pra cadeia desse jeito...

– Algum deles é filho de alguém que eu conheço? Eu coloco logo a lambisgoia contra a parede lá no clube!

– Não, mãe, porque estou no ensino médio, não no maternal.

Sophie sentiu outra vez a mão do pai sobre a sua. O toque agora era diferente. Não era um toque que excluía, mas que conectava.

– Sabe, eu também sofria na época do colégio...

– É mesmo?

– Sim, eu sempre fui gordinho. Naqueles tempos eu era bem mais, e as pessoas diziam que eu era tão gordo, mas tão gordo, que quando viajava as empresas me faziam um desconto de grupo!

Sophie riu.

– É mesmo, pai? Já comigo eles dizem que eu sou tão magra, mas tão magra, que sou a única mulher do mundo com duas costas!

A mãe só abria a boca e balançava a cabeça em choque.

– Isso não é nada! Eles diziam que eu era tão gordo, tão gordo, que quando caía da cama eu caía pros dois lados!

– Grande coisa! Eu já ouvi que sou tão magra que, se eu colocasse um casaco de pele, ficaria parecendo um cachimbo!

Os dois suspiraram juntos em um momento de cumplicidade.

– Obrigada por me defender, pai.

Foi a vez dele de sentir o toque dela de maneira diferente. Aquilo foi bom.

– Só não entendo por que vocês trouxeram à tona uma conversa que claramente resolveram com a diretora – comentou Sophie, soltando a mão dele.

– Bem, apenas achei melhor compartilhar o que andam falando da nossa família... – continuou George, voltando a ficar sério.

– Não sabia que você ligava para o que as pessoas dizem – retrucou a filha.

– Eu sou advogado. É meu trabalho ligar para o que as pessoas dizem.

– Assim como inocentar as vítimas e tirá-las de situações constrangedoras.

Aquilo bateu forte. A menina era inteligente. Única. E triste. Era uma parte dele. E fazia parte dele ser daquela maneira também.

– Nem sempre um advogado ganha a causa, meu amor – sussurrou o pai.

– Obrigada por tentar. – Ela suspirou. – Eu já vi fotos suas na época do colégio. Você nunca foi gordo.

Inteligente. Única.

E triste.

Sophie deu uma garfada no prato e levou o pedaço à boca. Mastigou por poucos segundos e engoliu em silêncio. Em seguida, levantou-se pedindo licença e deu um beijo na cabeça dos pais.

– Não deixe de ouvir seus verdadeiros instintos, advogado – finalizou a filha, antes de se retirar para o quarto.

Faria o que fazia de melhor.

Dormir.

Copyright © 2014 by Carolina Munhóz e Sophia Abrahão

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
fantastica@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil



Gerente editorial	Assistentes
Ana Martins Bergin	Gilvan Brito
Editores assistentes	Silvânia Rangel (produção gráfica)
Elisa Menezes	
Larissa Helena	Revisão
Manon Bourgeade (arte)	Sophia Lang
Milena Vargas	Wendell Setubal
Viviane Maurey	

Cip-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Munhóz, Carolina
M938r O Reino das vozes que não se calam / Carolina Munhóz,
Sophia Abrahão. – Primeira edição. – Rio de Janeiro: Fantástica
Rocco, 2014.

ISBN 978-85-68263-00-6

I. Ficção infantojuvenil brasileira. 2. Fantasia - Ficção.
I. Abrahão, Sophia. II. Título.

14-13975

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.